

Relatório de Gestão – Abr/23

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% ABR/23	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,72	3,88	10,56	82,17
<i>VS. CDI</i>	78,87	92,51	78,89	96,00

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% ABR/23	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,90	4,18	13,32	79,72
Juros	0,00	0,22	0,00	36,04
Moedas	0,09	0,32	-0,35	1,92
Bolsa	-0,06	0,06	0,05	4,20
Ativos externos	-0,02	-0,21	0,01	-4,41
Custos	-0,19	-0,69	-2,48	-35,30
Total	0,72	3,88	10,56	82,17

início: 31/08/2015

Em abril nós encerramos a posição vendida em futuros de Ibovespa, aumentamos marginalmente a venda de dólar contra o real e mantivemos a venda de S&P.

No âmbito global, o cenário segue cercado de incertezas.

Nos EUA, o FED subiu os juros em 25 p.p. em maio, mas não sinalizou os próximos passos de política monetária. Acreditamos que a barra para novas altas está elevada e provavelmente estamos no final do ciclo, e o mercado já precifica o início da queda para o 2º semestre deste ano. O FED se encontra numa posição desconfortável. Por um lado, a economia permanece forte, com os núcleos de inflação nos últimos meses estabilizados ao redor de 5% a.a. e com o mercado de trabalho ainda apertado – embora com alguns sinais incipientes de fraqueza na margem, como por exemplo a alta dos pedidos semanais de auxílio desemprego. Por outro, os efeitos defasados da alta de juros implementada ao longo deste último ano e a restrição nas condições de crédito derivada do stress nos bancos regionais devem ajudar o FED na sua empreitada. A questão que se coloca é se o aperto monetário já é suficiente para a convergência da inflação para a meta, e em caso positivo, em que velocidade. O risco de que alguma coisa se quebre ao longo desse processo também não pode ser desprezado.

Na Europa o BCE subiu os juros em 25 p.p. para 3,75% a.a. e a presidente Christine Lagarde indicou que novas altas serão necessárias.

Na China, a atividade econômica segue forte, puxada pelo setor de serviços e pelas vendas no varejo, enquanto a atividade manufatureira tem decepcionado.

Portanto, o ambiente externo momentaneamente se acomodou com o eventual fim de ciclo de alta de juros nos EUA, mas ainda há riscos em ambas as direções. Tanto o FED pode ter que subir mais os juros para trazer a inflação para a meta, quanto o aperto monetário promovido até aqui possa ter sido excessivo e alguma coisa ainda se quebre.

Caso esses riscos não se materializem, o quadro seguirá favorável para países emergentes.

No Brasil, a influência positiva do cenário externo e a perspectiva de que o arcabouço fiscal seja aperfeiçoado e se torne mais rígido no Congresso reduziram os prêmios de risco dos ativos locais. O governo continua com uma agenda econômica bem à esquerda que tem mirado na desconstrução de algumas reformas aprovadas nos últimos anos, mas o Congresso tem resistido em cancelá-la. O BC, por sua vez, manteve mais uma vez a Selic em 13,75% a.a. e não deu sinais de afrouxamento na política monetária tão cedo.

Em suma, de um lado temos um governo com mais apetite por gastos que precisam ser financiados por uma arrecadação maior numa equação que torna o trabalho do BC de trazer a inflação para a meta mais difícil - meta esta que ainda pode ser alterada. De outro, temos um Congresso e uma sociedade menos dispostos a dar tantos graus de liberdade para o governo e ainda um equilíbrio externo favorável à nossa economia.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.